

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

GILMARA DOS SANTOS RAMOS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Pedro Abramovay

“Estamos prendendo as pessoas erradas”

O ex-secretário Nacional de Justiça diz que o número de presos por tráfico duplicou porque usuários vão para a cadeia e fala da legalização da maconha aprovada em dois Estados americanos

por Natália Martino

DOIS PESOS

“No Brasil, a pessoa surpreendida com droga é considerada traficante, se for pobre, e usuária, se for rica”, diz ele

O ex-secretário Nacional de Justiça Pedro Abramovay é um dos principais nomes da sociedade civil na defesa da descriminalização do uso de drogas. Ele esteve à frente da elaboração de um anteprojeto de lei com esse teor que foi entregue em agosto à Câmara dos Deputados com a assinatura de mais de 120 mil pessoas. Professor da disciplina violência e crimes urbanos na Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), também coordena o site Banco de Injustiças, no qual registra histórias de usuários enquadrados como traficantes por causa da atual Lei de Drogas, que ele acredita ser falha na definição dos crimes de tráfico e uso de entorpecentes. Abramovay foi um dos coordenadores da Campanha do Desarmamento e trabalhou na regulamentação do Sistema Penitenciário Federal quando era assessor especial do então ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos, no governo Lula.

ISTOÉ - *O que a legalização da maconha, que acaba de ser aprovada em referendo em dois Estados americanos, representa para a política mundial sobre drogas?*

PEDRO ABRAMOVAY - *É um marco importantíssimo, principalmente se o governo federal não interferir nessas decisões estaduais. Os Estados Unidos sempre se comportaram como polícia nas convenções internacionais sobre o assunto e, de repente, dois Estados dentro*

dessa nação que se coloca como guardião da “guerra contra as drogas” legalizam a maconha. No mínimo, eles perdem a legitimidade para questionar propostas de mudanças que tendem a tirar o problema da alçada exclusiva do direito penal. Abrirá espaço para discussões. Se a estratégia da legalização será ou não positiva, teremos de avaliar com o tempo.

ISTOÉ - *Legalizá-la em alguns Estados não pode gerar um turismo de drogas no país?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Depende da maneira como isso será feito. É importante lembrar que legalizar implica colocar regras, regular a venda, definir idades, impostos, locais de venda. Isso em um campo no qual, na prática, não existem regras há muito tempo. São grandes as chances de um adolescente ter mais dificuldades para comprar maconha em um Estado onde a droga é legalizada – e, portanto, os esforços de controle sobre ela são organizados – do que em outro onde o comércio é todo ilegal.*

ISTOÉ - *O que pensa da medida tomada pelo Uruguai, que legalizou o uso da maconha, mas seu consumo será controlado pelo Estado?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Isso nunca foi tentado no mundo. O Uruguai assumiu uma posição de ousadia para tentar enfrentar o problema. Para nós brasileiros é fundamental acompanhar o que está acontecendo lá sem colorações ideológicas. Se funcionar, a gente tem que se despir dos preconceitos e discutir seriamente se essa é ou não uma alternativa viável para o Brasil.*

ISTOÉ - *Qual a importância de ex-presidentes como Fernando Henrique Cardoso (Brasil), Bill Clinton (EUA) e César Gaviria (Colômbia) defenderem a legalização da maconha?*

PEDRO ABRAMOVAY - *É enorme, principalmente porque influencia a mídia. Há dois ou três anos era tabu debater o tema, quem tentava dizer algo era logo tachado de maconheiro. Quando esses ex-presidentes resolveram falar do assunto, chegaram mostrando estudos, pesquisas. Os argumentos já existiam, mas não eram ouvidos. Eles poderiam ter feito*

isso quando estavam no poder, mas antes tarde do que nunca. Abriram espaço para que atuais presidentes defendessem na ONU mudanças nas políticas de drogas em direção à descriminalização e à legalização. O Juan Manuel Santos, da Colômbia, o Otto Pérez Molina, da Guatemala, e o José Alberto Mujica, do Uruguai, fizeram essa defesa na ONU.

ISTOÉ - *A descriminalização total não poderia aumentar o consumo?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Recentemente foi divulgada uma pesquisa na Inglaterra que analisa 21 países que descriminalizaram o uso de drogas. Em nenhum deles houve aumento do consumo.*

ISTOÉ - *Há propostas em debate no Congresso Nacional para mudar a Lei de Drogas, que aumentou as penas para o tráfico e acabou com a prisão de usuários. Isso é positivo?*

PEDRO ABRAMOVAY - *É preciso uma definição clara sobre quem é usuário e quem é traficante. A lei atual diz que o juiz vai avaliar a partir das circunstâncias sociais para dizer se a droga era para consumo pessoal ou para venda. O que acontece é que, sem critério, uma grande massa nessa fronteira acaba sendo presa como traficante, e colocar essas pessoas na prisão significa entregá-las de bandeja para o crime organizado, que será sua única opção quando saírem da cadeia. Para se ter a dimensão disso, desde que a lei foi aprovada, em 2006, o número de presos por tráfico dobrou. Saímos de 62 mil para 125 mil presos em 2011.*

ISTOÉ - *Esse número não é uma vitória no combate ao tráfico?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Resolver o problema das drogas significa diminuir o consumo e a violência relacionada ao tráfico. Nada disso está acontecendo, o que indica que estamos prendendo as pessoas erradas. Mais de 60% dos presos por tráfico carregavam pequenas quantidades, eram réus primários e nunca tinham se envolvido em outros crimes. Não é atrás dessas pessoas que a polícia tem que ir, mas do crime organizado. Para isso, é fundamental que se discutam critérios mais claros para separar quem é usuário de quem é traficante.*

ISTOÉ - *Que tipos de critérios?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Vários países adotam a quantidade, não como único critério, mas como parâmetro fundamental para não gerar a situação, que acontece muito no Brasil, na qual a pessoa surpreendida com droga é considerada traficante, se for pobre, e usuária, se for rica. Portugal, República Tcheca, México, Inglaterra, alguns estados australianos, todos esses lugares optaram por esse caminho e têm alcançado resultados melhores que o Brasil, onde a decisão é do policial.*

ISTOÉ - *Fixar quantidades não facilitaria, para os traficantes, a distribuição de drogas, pois usariam vários “aviõezinhos” que nunca seriam presos?*

PEDRO ABRAMOVAY - *A polícia não tem mesmo que ir atrás dos “aviõezinhos”, isso não faz nem cócegas no negócio das drogas. A energia tem que ser revertida para o enfrentamento ao crime organizado e à violência.*

ISTOÉ - *Se no Brasil está nas mãos dos policiais a decisão, como eles têm feito a distinção entre traficantes e usuários?*

PEDRO ABRAMOVAY - *O primeiro critério mais evidente é o de classe. Quando a pessoa mora na favela, o endereço dela é, muitas vezes, sua condenação. Existem decisões judiciais que falam que a pessoa foi flagrada com droga e mora em um lugar dominado pelo tráfico, portanto é traficante. Outras tentam estabelecer critérios mais concretos. Por exemplo, vão dizer que se a pessoa carrega drogas divididas em papelotes, é traficante. Mas, se a droga é vendida em papelotes, ela também é comprada assim.*

ISTOÉ - *A lei brasileira permite penas alternativas. O Judiciário não reverte os equívocos policiais com elas?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Muito raramente. O poder Judiciário de primeira instância é muito mais duro nas decisões ligadas ao tráfico do que em outros temas, desrespeitando muitas vezes até decisões do Supremo Tribunal Federal. Por exemplo, a lei de 2006 inicialmente negava a liberdade provisória em acusações de tráfico e o STF considerou a norma inconstitucional, pois ia contra o princípio da presunção de inocência. Apesar disso, a*

pessoa acusada de tráfico quase sempre espera o julgamento na prisão e isso já destrói sua vida – ela perde o emprego e fica tachada como traficante. Sem contar que as pesquisas mostram que, quase sempre, os únicos depoimentos levados em conta para a condenação por tráfico são os dos PMs que prenderam o acusado.

ISTOÉ - *Mais do que falha na lei, isso não evidencia problemas no Judiciário?*

PEDRO ABRAMOVAY - *Quando temos um critério tão subjetivo fica muito difícil para todo o sistema. Tem o policial contando uma história e a família dizendo outra coisa. Em quem acreditar? Todo esse processo é produto da falta de critérios da lei. O Judiciário quer dar respostas à sociedade e prende pessoas que têm problemas com drogas mas nunca cometeram crimes. Colocar essas pessoas na cadeia em vez de tratá-las é uma resposta errada e ineficiente. O problema de drogas deveria ser tratado não como uma questão criminal, mas de saúde. O usuário precisa ser abordado por assistentes sociais, não pela polícia.*

ISTOÉ - *O nosso sistema de saúde está preparado para essa demanda?*

PEDRO ABRAMOVAY - *O Estado já tem a obrigação de tratar o problema de dependência de drogas, a demanda existe, não podemos pensar nisso como um custo novo. A estrutura que temos hoje não está preparada, mas mudar as leis pode provocar o Estado a deixar de esconder o problema e passar a enfrentá-lo.*

ISTOÉ - *É possível erradicar o tráfico?*

PEDRO ABRAMOVAY - *É impossível, mas temos de reduzir o consumo de drogas e a violência do tráfico, e isso já sabemos como. Temos que admitir que a criminalização não funcionou. A única droga que teve seu consumo diminuído com políticas públicas foi o tabaco, que é lícito. A regulamentação parece ter funcionado melhor do que a repressão.*

ISTOÉ - *Como avalia o plano antidrogas do governo federal?*

PEDRO ABRAMOVAY - *O Plano de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas tem um cardápio de soluções do qual Estados e municípios escolhem a política a ser adotada.*

O problema é que dentro desse cardápio tem coisas positivas e outras que podem ter efeitos muito negativos. E não há nada que induza a escolha das opções mais eficientes. Por exemplo, tem uma quantidade importante de dinheiro para consultórios de rua, que funcionam muito bem. Mas tem muito dinheiro para internação, o que pode ser muito perigoso. Em alguns casos, ela é necessária, mas essa não pode ser a principal resposta de tratamento. A internação, para os mais otimistas, tem uma taxa de sucesso de 10%. Não podemos focar todos os nossos esforços em um tratamento que tem uma taxa de sucesso tão baixa.

ISTOÉ - Por que essas taxas são baixas?

PEDRO ABRAMOVAY - Não basta desintoxicar a pessoa para, como em um passe de mágica, resolver a questão. É algo muito mais complexo e está ligado à relação do usuário com o meio em que ele vive. Se ele está desempregado, não tem apoio da família e seus amigos têm no uso de droga sua principal atividade, as chances de ele se tornar um usuário problemático são enormes. Se ele é internado, desintoxicado e devolvido para o mesmo meio que gerou a dependência, ele vai voltar a usar drogas. A única maneira de acabar com a dependência é trabalhar no meio em que ela está.

ISTOÉ - E como isso pode ser feito?

PEDRO ABRAMOVAY - Nos consultórios de rua, por exemplo, onde a pessoa pode ir, receber terapia, desintoxicação e ser ajudada, não artificialmente fora do mundo em que ela vive, mas dentro desse universo para que ela possa se libertar das razões que a levaram à dependência. A assistente social pensa maneiras de ajudar o usuário a se reintegrar na sociedade de forma produtiva. Não funciona de uma hora para outra. É um problema no qual não há tiro de canhão. O tratamento é demorado.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Sabemos que há diferentes tipos de entrevistas, entre elas: a entrevista de emprego, a entrevista médica, a jornalística, dentre outras.

- a) Você já teve contato com algum tipo de entrevista? Qual?
- b) Considerando que a entrevista acima trata-se de uma entrevista jornalística, o que essa entrevista tem em comum com as outras? E quais são os pontos diferentes?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar locutor e interlocutor.

Resposta comentada

O aluno deve perceber a existência do locutor e do interlocutor em quaisquer tipos de entrevista, e que ele pode ser ora um, ora outro. As marcas serão sempre as mesmas. A entrevista será sempre essencialmente **oral** e requererá uma postura adequada tanto por parte de quem a elabora quanto por parte de quem a responde. Portanto, deve-se dar maior atenção no que se refere à linguagem, pois é algo que se tornará acessível ao público de uma forma geral.

QUESTÃO 2

Estruturalmente, a entrevista compõe-se dos seguintes elementos:

- Manchete ou título - Essa é uma parte que deverá despertar interesse no interlocutor envolvido, podendo ser uma frase criativa ou pergunta interessante.
 - Apresentação - É o momento em que se apresentam os pontos de maior relevância da entrevista, como também se destaca o perfil do entrevistado, sua experiência profissional e seu domínio em relação ao assunto abordado.
 - Perguntas e respostas - Basicamente, é a entrevista propriamente dita, na qual são retratadas as falas de cada um dos envolvidos.
- a) Identifique esses elementos na entrevista acima, fazendo uma comparação com o gênero trabalhado anteriormente, a Reportagem:
 - b) Como esse assunto seria trabalhado em uma reportagem?

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

O aluno deverá identificar o título (“*Estamos prendendo as pessoas erradas*”), a apresentação (“*O ex-secretário Nacional de Justiça diz que o número de presos por tráfico duplicou porque usuários vão para a cadeia e fala da legalização da maconha aprovada em dois Estados americanos*”) e “*O ex-secretário Nacional de Justiça Pedro Abramovay é um dos principais nomes da sociedade civil na defesa da descriminalização do uso de drogas. Ele esteve à frente da elaboração de um anteprojeto de lei com esse teor que foi entregue em agosto à Câmara dos Deputados com a assinatura de mais de 120 mil pessoas. Professor da disciplina violência e crimes urbanos na Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), também coordena o site Banco de Injustiças, no qual registra histórias de usuários enquadrados como traficantes por causa da atual Lei de Drogas, que ele acredita ser falha na definição dos crimes de tráfico e uso de entorpecentes. Abramovay foi um dos coordenadores da Campanha do Desarmamento e trabalhou na regulamentação do Sistema Penitenciário Federal quando era assessor especial do então ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos, no governo Lula.*”)

e as perguntas e respostas: Isto é entrevistador e Pedro Abramovay entrevistado. Fazendo a comparação, deve perceber que os dois gêneros trabalham usando a criatividade na manchete, que a lead foi substituída pela apresentação e o corpo pelas perguntas e respostas.

Em uma reportagem o assunto seria mais discutido, seriam ouvidas outras opiniões, e outros fatos seriam destacados.

QUESTÃO 3

Vimos que na entrevista acima foram usados alguns elementos para diferenciar as falas do entrevistador e do entrevistado. Que elementos são esses?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

O aluno perceberá os sinais de pontuação (ponto de interrogação para as perguntas do entrevistador) , destaque das cores para os dois (vermelho para entrevistador, cinza para entrevistado) e destaque maior para o entrevistado.

Nesta entrevista houve retextualização ou transcrição? Justifique.

Habilidade trabalhada

Diferenciar retextualização e transcrição.

Resposta comentada

Na entrevista houve retextualização, pois não foram mantidos alguns elementos típicos da oralidade como as hesitações, os truncamentos, as repetições e algumas palavras típicas da fala, como “aí”, “tá”, “né”. O jornalista realizou uma *retextualização*, adaptando as falas às normas da linguagem.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Observe o trecho abaixo:

ISTOÉ - *Fixar quantidades não facilitaria, para os traficantes, a distribuição de drogas, pois usariam vários “aviõezinhos” que nunca seriam presos?*

PEDRO ABRAMOVAY - *A polícia não tem mesmo que ir atrás dos “aviõezinhos”, isso não faz nem cócegas no negócio das drogas. A energia tem que ser revertida para o enfrentamento ao crime organizado e à violência.*

O repórter faz uso da linguagem, observando a variação no uso da língua, em função do perfil dos entrevistados (sobretudo do entrevistado) e do contexto sociodiscursivo. Em que momento isso aparece no trecho acima?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a adequação linguística utilizada pelo repórter para construir uma reportagem.

Resposta comentada

O gênero Reportagem possui uma finalidade em si mesmo – a informação. Trata-se da interação entre os interlocutores, aqui representados na pessoa do entrevistador e do entrevistado, cujo objetivo desses é relatar suas experiências e conhecimentos acerca de um determinado assunto de acordo com os questionamentos previamente elaborados por aquele. É preciso que haja uma adequação linguística do repórter, como no caso dele usar o termo “aviõezinhos” para se referir ao uso de menores para vender drogas.

QUESTÃO 5

“Eles poderiam ter feito isso quando estavam no poder, mas antes tarde do que nunca.” Nesse trecho, o entrevistado emite uma opinião sobre a pergunta do repórter. Destaque essa opinião.

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização.

Resposta comentada

O aluno perceberá que o entrevistado usa uma frase de efeito, um provérbio ou um chavão para demonstrar sua insatisfação com a situação usando o “*mas antes tarde do que nunca*”.

QUESTÃO 6

Observe a seguinte passagem:

O usuário precisa ser abordado por assistentes sociais, não pela polícia.

Nela, podemos notar que o sujeito da oração, “*O usuário*”, não pratica a ação expressa pela locução verbal “*precisa ser abordado*”, sendo, desta forma, um exemplo de sujeito paciente. Reflita e aponte uma razão que justifique a preferência do entrevistado em construir a oração com o sujeito paciente, omitindo o agente.

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

Com o conteúdo já dado fica mais fácil o aluno entender, que, do ponto de vista sintático, a voz passiva exibe uma ordenação dos constituintes que se desvia da apresentação mais comum de nossa língua: sujeito – verbo – complemento.

Deste modo, na passiva, quem sofre a ação receberia maior evidência, passando a ser, portanto, o “*ponto de partida*” da frase. Essa, também, seria uma forma de valorizar mais o

processo que o próprio agente, que passa a ser omitido.

No trecho selecionado, “*O usuário precisa ser abordado por assistentes sociais*”, o foco realmente recai sobre os usuários de drogas, o assunto da entrevista, que precisam de um tratamento especializado e não de tratamento policial.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

Agora que você já conhece as principais características do gênero, reúna-se com um colega e, juntos, entrevistem uma pessoa que seja contrária às idéias do entrevistado, que tenha um ponto de vista diferente. Pode ser um colega de classe, um professor ou alguém que conheça o assunto.

Para que o trabalho seja bem-sucedido, siga o seguinte plano:

- A entrevista deve ser marcada com antecedência, informando-se o entrevistado sobre o assunto e a duração do encontro;
- Procurem informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista;
- Façam um roteiro com perguntas breves e objetivas;
- A entrevista deverá ser gravada;
- A dupla deverá ouvir a gravação para que seja compreendida;
- É imprescindível que o texto de entrevista seja introduzido por uma apresentação da pessoa entrevistada. Recomenda-se também que o texto não seja muito longo, para que não haja informações desnecessárias;
- Em seguida a conversa deverá ser transcrita, no registro padrão da língua, eliminando-se as repetições, as interrupções e as hesitações;
- As perguntas deverão ser facilmente diferenciadas das respostas;

- Por fim a entrevista de cada dupla deve ser afixada no mural da sala ou publicada em um blog, para que os outros grupos tenham oportunidade de fazer uma leitura.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Comentário

Antes de iniciar a atividade de Produção Textual, você pode retomar, com seus alunos, as principais características composicionais, temáticas e estilísticas dos dois gêneros, já abordadas, anteriormente, ao longo deste Roteiro de Atividades e nas Orientações Pedagógicas.

Você deve observar:

- a) Se as perguntas propostas são objetivas e pertinentes ao assunto e ao entrevistado;
- b) Se a linguagem empregada é adequada ao gênero e ao perfil dos leitores;
- c) Se a entrevista veicula informações o suficiente;
- d) Se os recursos gráficos foram empregados de forma a distinguir as perguntas das respostas.

Em relação à questão inerente ao preparo prévio, devemos esclarecer que, se faz necessário em função da credibilidade requisitada pelo gênero, mesmo sendo algo relacionado à fala, o emprego de um certo formalismo e a adoção de uma postura adequada são imprescindíveis.

A “*imagem*” que pretendemos passar fala muito a respeito de nós mesmos, daí a importância de nos posicionarmos de maneira condizente com os fatos circunstanciais.

Na etapa final, é importante que você verifique se os textos produzidos estão de acordo com o tema proposto, se apresentam as características básicas dos gêneros. Caso contrário, indique aos seus alunos quais pontos devem ser revistos, orientando a sua reescritura.

TEXTO GERADOR II

Pais ausentes

Elefantes jovens que cresceram longe da família matam rinocerontes na África

Flávia Varella

A delinquência juvenil assumiu proporções gigantescas na África do Sul - seus rebeldes sem causa podem pesar mais de 5 toneladas e ter cerca de 3 metros de altura. Não, não se está falando de uma nova tribo de adolescentes humanos supervitaminados, mas de elefantes. De uns tempos para cá, grupos de jovens proboscídeos passaram a atacar rinocerontes brancos em vários parques nacionais. O método obedece a um padrão, por assim dizer, serial: depois de derrubar o cascudo de chifre no nariz, os elefantes ajoelham-se sobre a vítima e enterram as presas em seu corpo. O resultado é um banho de sangue nas savanas. Em sua sanha criminosa, os delinquentes pesos pesados já mataram um homem que estava em seu caminho.

Por que esses jovens andam tão revoltados? A resposta mais provável poderia figurar num manual de psicologia: porque vêm de lares desfeitos e cresceram sem a orientação e o controle de adultos experientes. Os bandos que arrepiam as savanas são formados por animais retirados quando filhotes do maior parque da África do Sul, o Kruger. Seus pais foram mortos para evitar o desequilíbrio ecológico representado pelo excesso de elefantes e, em seguida, os órfãos viram-se transferidos para restabelecer a população de outras reservas. Como os elefantes vivem em bandos muito unidos nos quais os mais velhos ocupam o papel de educadores e existe hierarquia bem definida, a operação acabou provocando

danos

psicológicos - talvez irreparáveis - nos adolescentes rebeldes. “Ninguém os ensinou a ser bons cidadãos”, disse a VEJA, mantendo a analogia com os humanos, David Barrit, do Fundo Internacional para o Bem-Estar dos Animais, Ifaw. “Agora são delinquentes juvenis e não sabemos como contê-los.”

Falta de limites

A rebeldia parece se agravar entre os machos durante o período da vida em que há explosão do hormônio testosterona. Os elefantes, em geral, ficam mais agressivos nessa fase. Normalmente, porém, os machos mais velhos conseguem colocar os jovens na linha, contendo seus ímpetos assassinos. Não bastasse a falta de limites, os órfãos sul-africanos estão tendo de encarar esse difícil momento mais cedo. Em Pilanesberg, um dos parques em que rinocerontes são trucidados, alguns elefantes entraram nesse período com dez anos de antecedência em relação ao habitual. Além disso, eles sofrem as conseqüências do gatilho hormonal durante até três meses, quando o comum é apenas alguns dias. “Tudo parece ter a ver com a desorganização social por que passaram”, disse à revista americana Time a zoóloga Marian Garai.

Desde 1978, cerca de 1.500 filhotes foram retirados do Kruger e mandados a outros parques. “Já imaginávamos que a separação dos adultos pudesse ser traumática, mas não sabíamos quanto”, avalia o veterinário Douw Dropler, do parque Kruger. Na época, não foram removidas famílias inteiras porque não havia equipamento capaz de transportar os adultos. Isso só começou a acontecer em 1993. Para tentar compensar o erro inicial, as autoridades estão enviando fêmeas adultas aos locais onde as gangues atuam, especialmente os parques Pilanesberg e Hluhluwe-Umfolozi. Imaginam que as elefantas possam pôr ordem no pedaço, já que as fêmeas têm grande poder disciplinador e costumam desempenhar função organizativa no interior das manadas. Os rinocerontes aguardam ansiosamente a chegada dessas titias.

(disponível em : http://veja.abril.com.br/151097/p_091.html)

QUESTÃO 8

Além da forma, o primeiro texto, por ser uma entrevista, apresenta os fatos através das declarações do entrevistado, o emprego da 1ª pessoa, do discurso direto e de adjetivação. Já no segundo, por se tratar de uma reportagem, é o jornalista quem apura e relata informações, sendo, por isso, comum o emprego do discurso indireto e de uma linguagem mais impessoal. Retire dos textos passagens que confirmem essas afirmações.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

O enfoque desta questão é a compreensão das diferenças estruturais e linguísticas entre os gêneros reportagem e entrevista. Como já foi dito no texto da questão, a reportagem tem por objetivo oferecer informações de forma objetiva e imparcial. Para isso, geralmente são empregados verbos e pronomes em terceira pessoa, como podemos notar no seguinte trecho: “O método **obedece** a um padrão, por assim dizer; serial: depois de derrubar o cascudo de chifre no nariz, os elefantes **ajoelham-se** sobre a vítima e enterram as presas em seu corpo.”

No caso da entrevista, o entrevistado geralmente apresenta o seu ponto de vista sobre o assunto ou acontecimento, empregando, assim, verbos e pronomes em primeira pessoa, adjetivos e modalizadores, como no trecho: “Para nós **brasileiros** é fundamental acompanhar o que está acontecendo lá sem colorações ideológicas”. Se funcionar, a gente tem que se despir dos preconceitos e discutir seriamente se essa é ou não uma alternativa viável para o Brasil.

QUESTÃO 9

Bons leitores precisam distinguir fato de opinião. Indique se os trechos a seguir expressam fatos ou opiniões:

- a) “Os rinocerontes aguardam ansiosamente a chegada dessas titias.”

- b) “(...) grupos de jovens proboscídeos passaram a atacar rinocerontes (...)”
- c) “Em sua sanha criminosa, os delinqüentes pesos pesados já mataram um homem que estava em seu caminho.”
- d) “Agora são delinqüentes juvenis e não sabemos como contê-los.”
- e) “Seus pais foram mortos para evitar o desequilíbrio ecológico representado pelo excesso de elefantes (...)”

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização

Resposta comentada

Na letra A, o adjetivo **ansiosamente** denuncia a opinião do escritor; na letra b, um fato incontestável sem nenhum traço de opinião; na c os adjetivos **criminosa e delinqüentes** dão o tom da opinião negativa do autor. Também na d temos uma opinião com o adjetivo **delinqüente** novamente; já na última, temos um fato.